

NIASSA É UMA UNIVERSIDADE DO POVO

16/8/81

— Presidente Samora Machel ao fazer o balanço da visita

O que hoje significa Niassa para a vitória sobre o subdesenvolvimento em Moçambique, para a total libertação do homem moçambicano foi magistralmente expresso pelo Presidente Samora Machel, no último dia da sua visita ao reunir-se com os responsáveis desta província. As organizações democráticas de massas devem fazer do Niassa um grande laboratório e uma grande escola. Em síntese: universidade do povo.

Dada a importância deste discurso que além de constituir um balanço da visita efectuada de domingo a sexta-feira última, contém ainda orientações para todo o País, publicamos aqui, na íntegra, a intervenção do Chefe de Estado.

Estamos na Província do Niassa desde domingo em visita de trabalho.

Definimos logo de início, que o objectivo da nossa visita era de realizar um trabalho de verificação da implementação das orientações aqui deixadas em Outubro de 1979.

Importava pois, avaliar o grau de cumprimento das tarefas que visam fazer do Niassa, um modelo de luta contra o subdesenvolvimento, no quadro da Ofensiva Política e Organizacional.

Visitámos durante estes dias:

- a futura cidade de Unango
- M'sawize
- as Unidades de Produção de Lissiete, de Lipúzia e de Matama.

Pudemos constatar durante o nosso trabalho de verificação que significativos avanços se registam, que acumulámos algumas vitórias nesta luta difícil contra o subdesenvolvimento.

Constatámos que alguns avanços foram consolidados e que em outros casos se vivem momentos críticos resultantes do próprio crescimento.

O crescimento traz consigo as contradições. É assim o próprio fenómeno de desenvolvimento. Isto significa que não há estagnação; significa que há uma luta constante entre o velho e o novo, em que o novo tem de vencer.

Particularizando alguns destes aspectos, diríamos:

— Em Unango, onde concentrámos uma parte considerável do nosso esforço e do nosso apoio nacional e internacional, é visível e palpável aquilo que da natureza foi transformado com a força criadora do homem moçambicano.

Contudo, toda esta transformação não corresponde ainda ao investimento realizado e à mobilização de recursos que foi empreendida.

Há problemas sérios de direcção.

Há problemas que resultam de ausência de direcção. Mostram que essa direcção é inconsciente. Talvez haja inexperiência, talvez ignorância, talvez insensibilidade sobre questões de fundo. Talvez haja também falta de conhecimento de utilização de métodos correctos. Isto leva à aplicação mecânica de certos princípios. Ai, então, surgem desvios que às vezes se transformam em crimes.

O Conselho Executivo não foi capaz de enquadrar todo o potencial humano que ali existe, não soube canalizar o entusiasmo, interesse e alegria dos residentes daquela localidade.

Diante desta direcção não existem homens. Só vêm animais. O homem tem vontade. O homem tem desejos. O homem tem entusiasmo; tem interesse. O homem pensa e, por isso, necessita de discussão, de diálogo aberto, franco e directo. Isto não encontramos lá.

Como resultado existe desmobilização, desinteresse, desprogramação, indefinição de tarefas e prioridades.

O resultado negativo deste trabalho reflectiu-se nas brachas que se criaram e permitiram a infiltração de ideias retrógradas, de ideias do passado que começam a ganhar força. Essa força manifesta-se através de reivindicações. Reivindicações de direitos e não de deveres e obrigações.

O direito é conquistado. Onde há dever há direito.

Foram ao ponto de exigir salários. Exigem salários do esforço e sacrifício, que é consentido pelo Povo moçambicano, essencialmente para a sua

estão a sentir isso. Já não sentem que eram marginais e ainda continuam a sê-lo. Não é a partir da libertação que deixam imediatamente de ser marginais.

É preciso um trabalho. A liberdade tem que ser explicada e assumida.

Qual o significado da liberdade? Para nós a liberdade significa alto sentido de responsabilidade. E esse alto sentido de responsabilidade é ganho no quotidiano, na realização das nossas tarefas. É isso que devemos explicar a eles e a todos que vêm para o Niassa. Sobre tudo quando são libertos. Devemos explicar o que é que significa a liberdade. E que quer dizer que passam a ser homens responsáveis.

Exigem salários do trabalho que ainda não produzem organizadamente.

Exigem salários das casas que construíram para eles próprios. Esta atitude deve ter um tratamento adequado. Para que as ideias retrógradas, reaccionárias não ganhem as ideias correctas. É sintoma típico de um comportamento reaccionário, de elementos anti-sociais.

Para estes casos, temos que agir. Agir significa agir depressa. Não devemos adiar o problema. As soluções têm de ser encontradas constantemente e para cada caso para não sermos nós próprios os promotores do desenvolvimento de situações catastróficas, desastrosas, que são contrárias à nossa política.

Verificámos também em Unango, que existe falta de coordenação entre as estruturas envolvidas, em particular em relação à agricultura e ao projecto de desenvolvimento do Vale do Lucheringo.

Temos que corrigir isto rapidamente. Temos que avançar em forma de ondas do mar. As ondas avançam sucessivamente. E por isso que trazem forças imensas, esmagam rochas. As ondas do mar são águas. Mas o conjunto dessa água tem tanta força, que despeça a rocha.

Toda a concepção do desenvolvimento destas áreas, assenta na agricultura e, logicamente, as estruturas deste sector devem assumir esta responsabilidade e envolver-se profundamente no Programa.

Em M'sawize a situação organizacional é boa e encorajadora. Felicitamo-vos.

As populações desta zona libertada, assumiram a tarefa de integrar aqueles que, no seio das fileiras da FRELIMO, traíram a causa da liberdade. Daqueles que se transformaram em criminosos. aliados potenciais do inimigo directo, aliados do colonialismo.

Estes traidores amnistiados têm, por sua vez, compreendido e assumido a liberdade que lhes foi concedida.

Assistimos a isso ontem. É emocionante. O filme de ontem é raro no Mundo. Ao filme de ontem não se assiste duas vezes na vida.

Infelizmente os nossos olhos não podem transmitir a ninguém. As nossas emoções estão contidas apenas em nós. Talvez os poetas, os jornalistas, os homens da prosa, possam transmitir a alegria que vivemos ontem. A emoção daqueles que foram traidores, criminosos.

Agora, os casados, têm já ali os seus filhos, as suas esposas. Estão a construir o seu futuro com entusiasmo. Os solteiros à espera das suas noivas, que virão de toda a parte de Moçambique.

Foi emocionante o reencontro com aqueles que há dois anos atrás não tinham perspectiva da sua vida.

Hoje reconstituem a família, criam um novo lar e novo estilo de vida. É o resultado da transformação. Para os solteiros, em conjunto, o país inteiro, temos que encontrar soluções políticas; soluções culturais; soluções sociais; soluções que perspectivam o futuro.

Os amnistiados que fugiram, passam a ter o estatuto de criminosos. A nossa tarefa é capturá-los, submetê-los a uma reeducação mais dura. Castigar com dureza, aqueles que violam a lei e a ordem, perturbam a sociedade e transformam-se em agentes nocivos à sociedade.

O entusiasmo que ali encontramos, leva-nos a concluir que podemos estar certos da vitória, que a nossa política de reeducação é uma conquista da República Popular de Moçambique, é uma conquista do nosso Partido FRELIMO, é uma conquista do Povo moçambicano.

No infantário de M'sawize, vimos com emoção, que ali forja-se o Homem Novo. No rosto daquelas crianças, é patente a esperança e a certeza na vitória final. Este infantário deve constituir modelo e outras crianças irão a M'sawize. Tem capacidade para 400 crianças.

Há crianças cujos pais se sacrificaram na luta de libertação do Zimbabwe, filhos dos internacionalistas. Temos crianças cujos pais foram vítimas de agressões do regime racista, ilegal e minoritário de Ian Smith. Por isso organizaremos em breve o envio destas crianças que foram vítimas.

Em toda a região de M'sawize deverá ser elaborado um projecto de desenvolvimento, com particular incidência na Agricultura, de modo a perspectivar o futuro desta zona libertada e integrá-la, em força, na frente económica, na luta contra o subdesenvolvimento.

O Centro de Saúde de M'sawize tem cumprido com as orientações que foram transmitidas aos trabalhadores da Saúde em Dezembro de 1979. Por isso saudamos a Direcção Provincial, saudamos os Serviços de Saúde na Província do Niassa.

Mas para que as populações de lá utilizem correcta e o mais rapidamente possível esse centro, as obras em curso devem ser terminadas.

Falo das obras que tinham sido abandonadas. A perspectiva é de 40 camas, reduziram para 20 camas, porque Mavago terá também 20 camas. Quantos habitantes daqui a 10 anos estarão em M'sawize? Quantos habitantes estarão em Mavago? Perspectivemos o futuro e não apenas o presente. Por isso, senhor director, faça o favor de avançar o mais rapidamente possível as obras paradas e concluir as enfermarias.

A nossa perspectiva não deve ser de 40 camas. Porque 40 e não 50? Diríamos que naquela zona devíamos ter um centro com 100 camas.

É assim que valorizamos as zonas que suportaram a guerra. Fazer com que vejamos com os seus próprios olhos, os construtores da vitória, que são os homens das zonas libertadas, o fruto da independência, o fruto da liberdade, o valor do sacrifício. Não há vitória sem sacrifício. A vitória constrói-se com sacrifício.

Ao visitarmos as Unidades de Produção de Lissiete e de Lipúzia vimos a combinação do grande projecto dos 400.000 hectares que vai transformar a face do Niassa com a iniciativa criadora local dos trabalhadores. Mas precisamos, sobretudo Lissiete e Lipúzia, de planificação científica, que não existe.

Há diferença no que vimos, entre Matama e aquelas duas unidades de produção. Há um pouco de empirismo. Boa vontade, mas há empirismo. Por isso, elevação do nível de todos eles; nível científico e técnico.

Em Matama, é impressionante o seu crescimento. Com poucos recursos fizeram mais do que muitos outros não conseguiram com mais meios. É impressionante o resultado.

É uma unidade modelo e, por isso, vamos enviar delegações de outras províncias e de outras unidades de produção, para colherem ensinamentos dos trabalhadores de Matama. São heróis do trabalho estes trabalhadores.

Neste limiar da década, é-nos grato verificar os passos que em tão pouco tempo estamos a dar. Estamos certos que o subdesenvolvimento passará a ser em 1990, parte integrante da história passada do nosso Povo.

Em segundo lugar falemos do campo dos Pides, dos Ge's, dos Gep's, dos Opv's dos Comandos, dos sipaios e dos chefes dos escravos que são os régulos, os escravos-em-chefe.

Encontrámos neste campo de reeducação de M'sawize todo um conjunto de indivíduos que estavam organizados e preparados para matar. Para fabricar a morte. Nós para matarmos a morte e eles para criarem a morte. Para matar não o colonizador e o opressor, não o explorador que era o colonialista português. Para queimar, não as casas do colonialista, do opressor, do explorador, mas sim, para matar o seu irmão moçambicano oprimido; para queimar as casas das suas próprias famílias, dos seus próprios pais; para matar as próprias esposas, os próprios filhos; para matar velhos, crianças e mulheres; para fazer da mulher grávida centro de experimentação. Abrir para ver como a criança fica na barriga duma mulher.

Em síntese: para impedir a liberdade, para impedir a independência. Para mergulhar eternamente o Povo moçambicano na opressão, na exploração, na humilhação, na discriminação, na pobreza, na ignorância, na superstição, no analfabetismo, para fazê-lo subdesenvolvido. Era esta a tarefa e a missão daqueles.

Há vários graus de organização:

- a PIDE de um lado, com as suas ramificações, os seus braços armados, os Flechas, os OPV's, os sipaios.
- por outro lado o exército colonial com os GE's, GEP's, Comandos e o exército, ele próprio, as Forças Armadas. Quando falamos das Forças Armadas, significa a Marinha, o Exército terrestre, Força Aérea, a Força Aérea carregada de bombas de «napalm», para matar o homem moçambicano.

Estão lá elementos de todas as províncias e que pertenceram a esses grupos.

Dividimos por províncias e por organizações e perguntámos aos diferentes grupos o que tinham feito, onde tinham operado, quantos crimes executaram, quantas pessoas haviam denunciado.

Encontrámos elementos que actuaram contra as nossas bases, que mataram os nossos combatentes, que tentaram vedar os nossos caminhos, caminhos para a liberdade.

Dialogámos com eles.

Muitos ainda afirmaram não saber quais os motivos porque se encontravam naquele centro.

A esses, explicámos o que tinham feito:

- àquele que redigia e traduzia em várias línguas os panfletos «psico»;
- àquele que matou;
- ao que queimou casas com mulheres lá dentro, crianças lá dentro, velhos lá dentro;
- àquele que abusava da mulher nos aldeamentos, forçando-a a ser sua amante. Destruir o sentimento humano de amor. Destruir o amor. A liberdade de escolher o seu futuro marido, o seu futuro lar. A liberdade de escolher o seu futuro.
- àquele que denunciava;

— àquele que, como «bom informador» era nomeado régulo, enquanto que o régulo que incomodava era preso e acusado de dar guarda aos «terroristas».

Conversámos com todos estes assassinos treinados, preparados, organizados e estruturados. Organizadas e estruturadas com tarefas precisas.

Tarefas de matar.

Nós não os matámos como se fez em muitos países e muitas revoluções.

É uma grande conquista do nosso Partido: política de clemência e acreditar na transformação do homem. Não os matámos, conhecendo os crimes deles, alguns nem conseguem quantificar quantos mataram, quantas mulheres abusaram. Não sabem. Mas não os matámos.

Conversámos com eles, animados pelo espírito de clemência e de convicção de transformação do homem, prática esta desde sempre utilizada na FRELIMO.

O Comité Central do Partido FRELIMO e o Governo da República Popular de Moçambique, tomaram uma medida histórica, decretaram a libertação destes assassinos.

Libertámos porque perdámos.

Mas perdoar não significa esquecer. Portanto, fique bem claro: perdámos, mas não esquecemos. A história está feita. Cada um faz a sua história. Cada um de nós aqui faz a sua história, com a sua própria cabeça, com as suas próprias mãos, com os seus próprios pés, com o seu trabalho. Cada um deles fez a sua história. Portanto, libertámos porque perdámos, mas não porque esquecemos os crimes por eles praticados.

Libertámos estes assassinos e atribuímos-lhes tarefas, agora como cidadãos moçambicanos. Demos-lhes assim a oportunidade de contribuírem para a Revolução do seu próprio País.

Esta medida é o resultado da força da nossa Revolução. É uma Revolução com raízes profundas.

É como uma árvore com raízes profundas que busca constantemente os sais necessários para alimentar o topo da árvore. É esta a força da nossa Revolução. As raízes da nossa Revolução são profundas. Mesmo no deserto buscam sais. Mesmo nas rochas buscam sais. Nas profundidades do mar, das águas do mar, as raízes da nossa Revolução buscam sempre os sais necessários, para alimentar o topo. Isto significa alimentar as consciências dos homens.

Esta medida é o resultado da força da nossa Revolução. Ela é tomada porque somos fortes, porque o nosso poder está consolidado, do Rovuma até ao Maputo.

Um revolucionário é sempre generoso. Um reaccionário é sanguinário.

Um revolucionário nunca é vingativo. O reaccionário sim.

Este acto de humanismo revolucionário é um traço característico da originalidade da nossa Revolução.

De entre os libertados existia um grupo de reeducandos de

Temos de construí-la de imediato e, para isso, como dissemos atrás, diversas estruturas virão para cá a partir de perspectivar, com a província e com aqueles residentes, o desenvolvimento desta nova área.

As organizações democráticas de massas devem fazer do Niassa um grande laboratório e uma grande escola. Em síntese: Universidade do Povo.

Novas brigadas de jovens voluntários, melhor organizados, com objectivos mais precisos, concretos, devem ser enviadas.

Todo este processo não é isento de dificuldades nem de contradições, fenómenos característicos da luta de classes que se viva no nosso País.

Temos que saber encarar as dificuldades como sendo próprias do nosso processo, do nosso desenvolvimento, no qual novas contradições surgirão inevitavelmente.

Mas importa detectar as causas dessas contradições e compreender a contradição principal. Compreender o aspecto principal da contradição e a particularidade dessa contradição. A contradição principal, o aspecto principal da contradição e a particularidade dessa contradição.

Assim resolveremos correctamente os nossos problemas.

O que importa sempre, é identificar a contradição e encontrar as soluções correctas, as soluções adequadas.

De tudo aquilo que constatámos, três questões nos surgem para as quais as soluções devem ser encontradas a curto prazo.

Referimo-nos a:

- 1— Intervenção do Governo Provincial para a resolução de problemas de natureza local.
- 2— Demissão e indicação de um novo Conselho Executivo para a futura cidade de Unango.
- 3— Criação de uma estrutura forte, dinâmica, operativa e capaz na província que coordene o Programa do Niassa.

Sobre este último ponto recai a Comissão Provincial do Plano esta responsabilidade. Isto fique bem claro. Oportunamente comunicaremos os quadros a afectar a esta estrutura que deverá ser competente e capaz de estar à altura de responder à materialização deste projecto estratégico.

Em relação ao Unango o presidente do Conselho Executivo foi já demitido e já indicámos quem o deve substituir na direcção da futura cidade de Unango.

O Governo Provincial tem uma responsabilidade particular neste processo. Não se demite da sua responsabilidade, antes pelo contrário, reforça-a.

Para muitos dos problemas que encontramos o Governo Provincial não se deve limitar a esperar uma orientação superior.

Recordamos apenas a questão da fuga dos ex-reeducandos aqui mesmo apresentada no início dos nossos trabalhos. Por isso, o Governo Provincial deve ampliar o seu espírito de iniciativa para áreas mais vastas.



Integração na sociedade moçambicana. Já não.

idade avançada que foram autorizados a regressarem aos seus locais de origem. Lá, onde praticaram o crime. Perdámos porque somos fortes. E o Poder Popular.

Acreditamos na força do povo. A força do povo é uma bomba. A força do povo ultrapassa a bomba de neutrões! Quer dizer, não há bomba para matar o Povo.

O povo tem vida. As árvores, os animais, também têm vida. Nasceram, cresceram e morrem. Mas o povo nunca morre. Tem vida e não morre. A coisa mais bela que há no mundo é o povo, porque nunca morre. Milhares e milhares de anos, milhões de anos, o povo existe! Não morre! Os homens, sim. Mas o povo não.

De entre os libertados existia um grupo confuso. Parece que a visita ajudou. Confusos, mas deliberadamente, para desviar a solução correcta dos seus problemas. Analisámos os seus casos.

Os velhos têm mais dificuldade em iniciarem uma nova vida. Por isso vão voltar às suas casas.

Os outros irão receber as suas famílias e, com o apoio do Partido e do Estado, irão construir uma cidade, plantar pomares, abrir machambas, irrigar a terra. Significa que vão plantar a árvore da liberdade.

Eles irão contribuir para o povoamento deste imenso território. Não chamamos província, mas território, belo e rico, que se chama Niassa.

Virão técnicos da construção e da agricultura para apoiarem estes trabalhos.

Virão brigadas dos Ministérios da Justiça, do Interior, da Defesa Nacional, da Segurança, da Informação para estudarem e fazerem a história da PIDE, a trajectória de cada um. A história de cada um dos ex-reeducandos e encontrarem soluções que são da competência dos respectivos sectores.

O Ministério do Interior continua a ter uma particular responsabilidade no enquadramento destes amnistiados. Deverá continuar com o seu trabalho. O trabalho não terminou. É uma nova etapa do processo de reintegração destes cidadãos na sociedade e devem adequar a sua estrutura a esta nova situação.

Em relação àqueles que se recusaram a acompanhar este processo, seremos implacáveis; seremos contudentes; seremos duros; seremos severos. Puniremos com rigor. Porquê? Estarão a recusar a liberdade que lhes foi concedida. De novo serão rotulados PIDES, contra-revolucionários.

Continuarão a ser chamados OPV's GE's GEP's e Comandos. Portanto, as medidas que forem tomadas serão em relação a criminosos. Este ponto fique bem claro.

Não haverá perdão para aqueles que recusam a liberdade concedida.

Com este acto de grande significado político para o nosso Povo, restituímos a cidadania aos que eram estrangeiros na sua Pátria. Aqueles não eram moçambicanos.

Restituímos a personalidade moçambicana e a dignidade àqueles a quem a máquina da guerra colonial transformara em mercenários contra o seu próprio povo, em sanguinários.

Portanto, é mais uma vitória popular.

Diremos em conclusão que já não estamos no desconhecido Niassa.

E porquê?

Vimos muitas iniciativas locais do Governo Provincial, do seu Governador, Primeiro Secretário, os seus colaboradores directos, o Povo. Por isso saudamos com viva emoção. Com muita alegria e com esperança.

Vimos que Niassa é, verdadeiramente, uma escola.

Vistámos a cidade e encontramos-a limpa, revidada, as casas pintadas. Não esperaram pela tinta dos Estados Unidos, da África do Sul. Mas sim descobriram cal, calcário. Imediatamente puseram em movimento esse recurso natural. E as casas estão belas, as avenidas estão belas, as árvores estão belas, são acolhedoras. Por isso, saudamos esta iniciativa local.

Saudamos também a descoberta de pedras para todo o desenvolvimento, construção de pontes, de barragens, de diques, de canais que dependem essencialmente da pedra. Já descobrimos como aproveitá-la e estão a extraí-la até não sabem o que fazer dela. Saudamos esta iniciativa.

Vimos armazéns de mais de 100 metros de comprimento, de 7 metros de altura, com materiais locais. Não esperaram pelo cimento. Ali não entra o cimento. É a terra do Niassa, que levantou esses grandes monumentos que ficarão na história.

Saudamos esta iniciativa de aplicar duma maneira criadora as decisões do Partido em 1978 de considerar o cimento como fonte de divisas. O cimento como fonte de divisas e, na construção nacional somente para barragens, grandes fábricas, pontes, portos. Mas as casas, sim, com tijolos. E Niassa já começou. Constrói casas com tijolo. Saudamos esta iniciativa. Isto quer dizer aplicação de maneira criadora das decisões do Partido e não pô-las em causa.

Por isso, Niassa, começa a ter uma nova face, característica de uma província que vai ganhando um ritmo de desenvolvimento, consolidando assim a nossa convicção de que será um modelo na luta contra o subdesenvolvimento.

Niassa é exemplo de como se avança, contando com as suas próprias forças, utilizando os recursos locais.

Levamos connosco esta lição.

E por isso qualificamos aqueles que aqui trabalham, são heróis do trabalho. São os pioneiros do desenvolvimento e da construção do modelo da luta contra o subdesenvolvimento.

Vimos a alegria, o entusiasmo e a determinação no olhar de cada um dos que vieram à rua para nos saudar no dia da nossa chegada.

Vimos a alegria da boa colheita e a confiança na Revolução em cada um dos rostos dos camponeses da aldeia de Licole, dos trabalhadores de Lipúzia e Lissiete no distrito de Mandimba e nos trabalhadores de Matama.

Em M'sawize, zona libertada, retomámos o fôlego da nossa inspiração e regressamos mais estimulados, mais confiantes, mais determinados, mais certos na vitória da Revolução.

A Luta Continua.